

“Facul”: Berço de Shows e Plateias

19-Jun-2019

Alzira Jorri de Tomei

Entre tanta

tecnologia, a adolescência continua se manifestando como um período de turbulências e conflitos, no qual as experimentações relacionais se impõem nas diferentes maneiras de enfrentamento de regras e de disciplinas, de possibilidades de atuação e de compreensão de normas que regem o mundo social, político e afetivo da realidade adulta. Basta a observação sobre os alunos do Ensino Médio no horário da saída, quando aguardam o chamado “rebento da boiada”, após o toque do sinal nas escolas públicas.

Num panorama

lamentável de Educação Nacional este é o show que não tem fim. Em escolas particulares o ambiente é um pouco melhor, desta vez são os transportes particulares que congestionam as portas dos colégios, cujos alunos, num comportamento finamente engessado são conduzidos às residências. O filme muda quando carros do ano, em fila dupla, favorecem a competição por vagas. Você deve estar se perguntando, caro leitor, qual a diferença então entre as duas instituições: pública ou privada? Diria que a maquiagem da ansiedade distingue as duas equipes.

Uma veste a crença

pelo milagre da educação, que não compete apenas às escolas e suas diretrizes e a outra veste prada, aparência envernizada pelo poder do capitalismo.

Num cenário

degradante, as universidades vêm se deparando com a lamentável realidade que os jovens saem de casa a passeio e o destino é o mundo acadêmico. Ambientes estimulados pelos interesses financeiros dos comerciantes que se preocupam com lucro e fama, os proprietários dos bares e restaurantes que circundam os espaços universitários buscam, com esmero, a contratação dos melhores músicos profissionais de todos os ritmos das paradas de sucesso, ganhando impulso e estímulos nas portas das batizadas “Facul”.

Berço de vários

grupos-fãs dos shows que competem com o ensino, as estratégias pedagógicas dos docentes universitários perdem força para os guetos estudantis. Mais um problema social que poderia ser aliviado por aplicação de leis que, de alguma forma, deveriam ser rigorosamente cumpridas.

Existe um

magnífico empreendimento comparativo entre duas vertentes que, mediocrementemente vem distanciando cientistas do comportamento humano. Alertam psicólogos e psicopedagogos, responsáveis por análises clínicas sobre os ambientes escolares, que o seio familiar, perdido em valores e no tempo que se faz necessário para a educação das crianças, joga para terceiros a obrigação de formar os bons hábitos da criança que lhe compete.

Não há

ciência maior ou menor. Ela é a herança da plenitude da certeza de que o conhecimento não é estático nem linear. Ao contrário, ele é espiralado nas voltas que a diversidade abraça ao buscar causas novas e nobres. A Educação é

vista por B. F. Skinner (1904/1990), professor da Universidade de Harvard, como “talvez o mais importante ramo da tecnologia científica”, porque afeta a vida de todos, e configura-se como uma área que tem muito a ser beneficiada pelas descobertas da Análise Experimental do Comportamento (AEC).

Alzira Jorri de Tomei é Psicopedagoga pela Faculdade de Guarulhos.